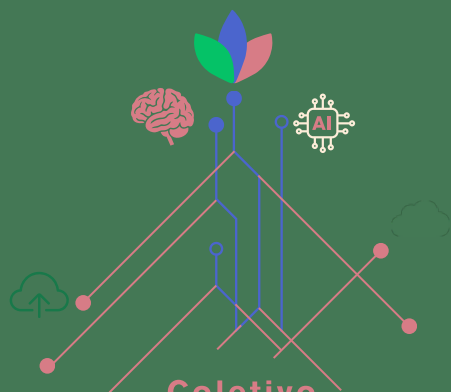


Coletar encontros



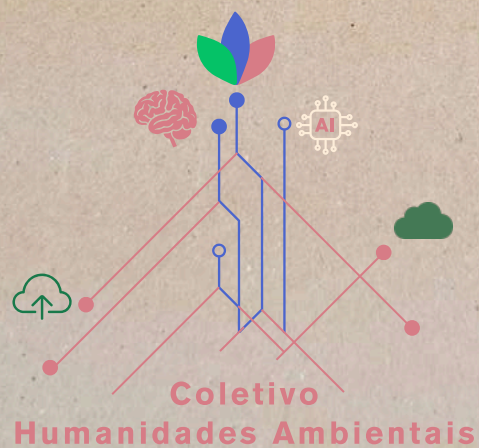
Coletivo
Humanidades Ambientais





Coletar encontros

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor)



**Coletas de miudezas:
narrativas de encontros**

Fernando Camargo
e Emanuely Miranda
p. 10

Uma bolsa cheia de mundos

Jessica Fontoura Oliveira
p. 15

A escrita da perspectiva das cascas

Susana Oliveira Dias
p. 18

**Eu fui coletada, não fui caçada
e muito menos morta**

Fernando H. Silva
p. 22



Verde é apenas um estado

Andrea Bernardelli
p. 26

Sáúdam, as saúvas

Nara Schenkel
p. 30

Aprender e apreender fungos

Fabio Duarte
p. 33

**A bituca e o concreto: memórias
de um subsolo contemporâneo**

Marina Lee
p. 37

Sombra

Mairys Quartaroli Viana
p. 42



Caminhar, olhar, recolher

Alcides Moreno

p. 46

Rachaduras

Fernando Monteiro Camargo

p. 50

Fóssil do sossego

Rayane Barbosa Kaingang

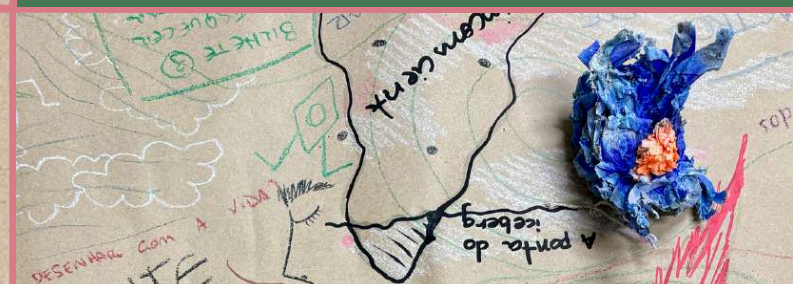
p. 54



Na dobra da bolsa-escuta

Quel Taffari

p. 58



A escrita vem de que corpo?

Bianca Cavichioli

p. 62

Coletas e memórias

Mariana Figueiredo Menezes

p. 66

Re-colher

Wallace Fauth

p. 69

Coletei os gestos das formigas

Emanuely Miranda

p. 73

O que pode a escrita para uma IA?

Jonathan Feline de Castro

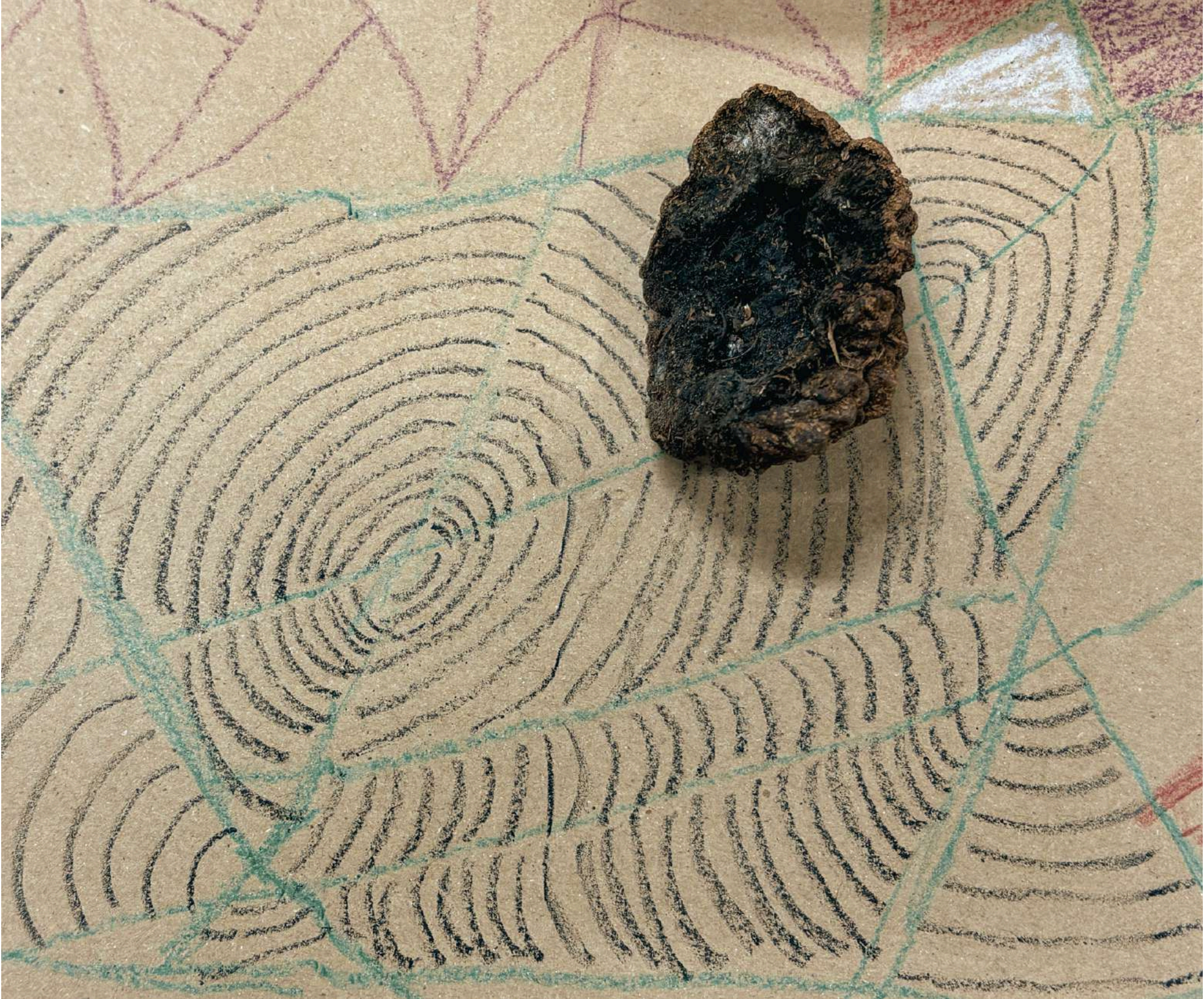
p. 77

(des)encontros

Laura Lino Mendes da Cruz

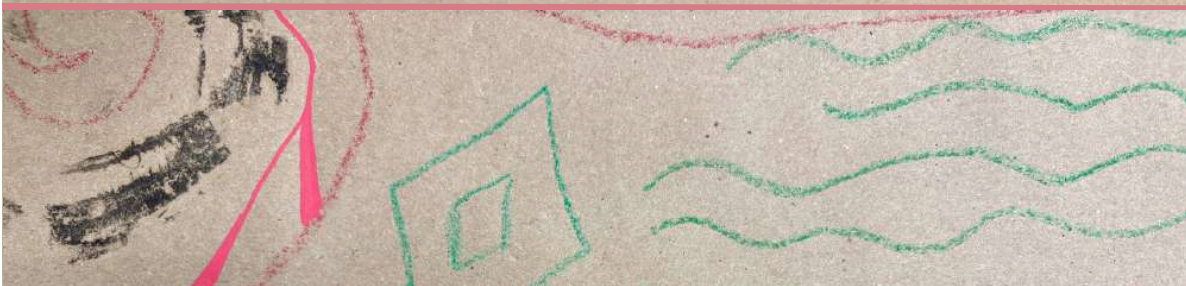
p. 83





Coletas de miudezas: narrativas de encontros

Fernando Camargo
e Emanuely Miranda



(...) achamos por bem começar a contar uma outra história, com a qual as pessoas talvez possam seguir quando a antiga chegar ao fim" (Le Guin, 2025, p. 18).

Quem conta esta experiência? São as nossas mãos? Os textos e as imagens que produzimos? Os livros empilhados sobre a mesa? As comidas compartilhadas nos intervalos? Ou as pequenas coisas esquecidas na praça? Seriam, talvez, os vestígios, as miudezas e as persistências que insistem em nos contar sobre algo? Como narrar histórias em tempos de fim de mundos? O que ainda pode ser coletado? Que futuros se anunciam? Quem ainda pode contar algo? Quem segue contando histórias entre as monoculturas, os incêndios, a contaminação das águas, do solo e do ar?

Assumindo o Antropoceno como o tempo presente, Dipesh Chakrabarty (2013, p. 11) defende a tese de que, atualmente, os "humanos existem como força geológica". Reconhecemos a importância de questionar a humanidade diante das mudanças climáticas, da produção de monoculturas, da contaminação de rios, do encerramento de diversidades, e assim por diante.

Mas quem é o "nós" que compõe a humanidade?

Nos interessamos por problematizar esta questão junto a Ailton Krenak (2020) e assumir que a humanidade que provoca catástrofes pode ser, na verdade, um clube composto por um grupo segmentado de humanos que universalizou sua maneira de habitar a Terra. Pode ser que esse clube se relacione com as narrativas de heróis, para as quais Ursula Le Guin (2025) nos alerta: humanos que golpeiam, cutucam, batem, conquistam e avançam em linha reta. Em contrapartida, a autora nos convoca a cultivar histórias outras, a praticar o gesto da coleta e a experimentar outro tipo de humanidade. Coletar, aqui, é desacelerar o olhar, abaixar-se diante das miudezas, permanecer com os vestígios, acompanhar as persistências e reconhecer que outros mundos também são tecidos por pequenos encontros.



Durante a disciplina JC 112/Turma A | Humanidades Ambientais, ministrada pela professora Susana Dias, no programa de pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural - que pertence ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) -, experimentamos acionar as Humanidades Ambientais.

A disciplina foi um exercício de presença e composição. Montamos mesas. Sobre elas se espalharam comidas, imagens, livros, cadernos, desenhos, palavras, sementes, folhas, pedras e fotografias. Compartilhamos a leitura de textos, o olhar demorado para imagens, a feitura de desenhos, linhas, traços e outras grafias. Compartilhamos a própria sala de aula e seus encontros, os deslocamentos até o Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura (Cepagri), onde fomos recebidos pelo pesquisador Jurandir Zullo Júnior, e a experiência no ateliê Serafina da artista Valéria Scornaienchi. Entre conversas, papéis, imagens, tintas, projeções, mapas e gestos, as Humanidades Ambientais foram sendo tecidas como uma prática de atenção e de composição com diferentes saberes, seres e modos de fazer.

A partir das autorias citadas — mas também nos relacionando com outros filósofos e filósofas como Antônio Bispo dos Santos e Marisol de La Cadena — tentamos investir em práticas e pensamentos que lidavam com o fim de mundos; que produzissem relações; que se atentassem à heterogeneidade de seres, saberes e forças; que desviassem da dicotomia entre natureza e cultura; que apresentassem presentes; que proliferassem futuros.

Ao longo das aulas, sem perder as Humanidades Ambientais de vista, tudo isso foi se desdobrando em composições artísticas e filosóficas que se multiplicavam em cores e formas sobre a materialidade de um extenso papel pardo. O papel tornou-se paisagem, arquivo, mesa de encontro e superfície de experimentação.



Neste livro, buscamos conectar essas criações a escritas produzidas a partir de um exercício proposto em uma das tardes de terça-feira: após a leitura de Le Guin (2025), com sacolas em mãos, nos direcionamos à praça que fica em frente ao prédio da sala de aula com a intenção de coletar, de trazer miudezas e potências para dentro, de germinar olhares, de contar histórias que honrem uma multiplicidade de vidas, futuros, possibilidades e, quem sabe, de humanidades.

Voltamos carregando folhas secas, pedras, sementes, objetos não orgânicos, como chupetas e bitucas de cigarro; palavras, imagens, rastros, memórias e encontros. São justamente as miudezas que nos ensinam a cultivar histórias menos heróicas e mais comprometidas com a multiplicidade de vidas.

Este livro nasce dessas coletas, ou seja, de um conjunto de fragmentos, vestígios, escritas e experimentações que procuram honrar outras maneiras de narrar e de experimentar o mundo. São essas pequenas coisas — esquecidas ou perdidas na praça, guardadas nas margens, recolhidas entre ruínas — que continuam contando e produzindo histórias.





NÓS SOMOS NOSSO
PRÓPRIO METEORO?

A ponta do
iceberg



Uma bolsa cheia de mundos

Jessica Fontoura Oliveira

Uma sacola. Andar, observar, coletar. Praça da Paz.

Objetos aleatórios se misturam aos elementos naturais: folhas, terra, grama, galhos, minúsculas formigas percorrendo trilhas com bem mais que o dobro de seu peso nas costas.

No fundo da bolsa, pedra, folhas, um pequeno galho, uma história sobre se reencontrar.

Uma pedra com formato e cor incomuns; uma única pena que caiu de um pássaro que alçava voo; pedaço de tronco de uma árvore com as raízes fincadas há muito mais tempo do que é possível imaginar. Uma formiga carregando uma folha. Um pássaro cantando no topo de uma árvore.

Uma colega se aproxima, mostra o que tinha coletado: uma bituca de cigarro e uma memória. Abandonar o vício, uma gravidez, puerpério caótico, reencontrar-se.

E, no fim, a bolsa volta cheia. A praça, agora, cabe dentro dela.

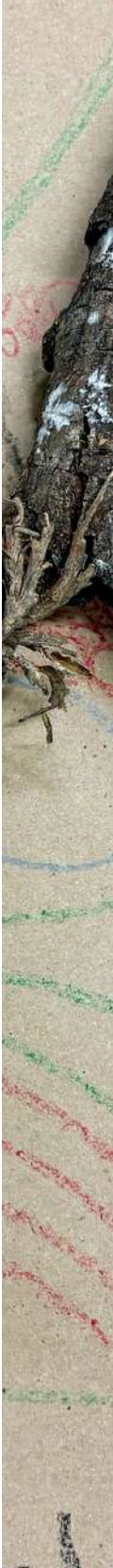




A escrita da perspectiva das cascas

Susana Oliveira Dias





Uma bolsa e um convite para coletar materiais na Praça da Paz, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Depois, um exercício para pensar a escrita com o que coletamos em conexão com o texto "A teoria da bolsa de ficção", de Ursula K. Le Guin.

Minha coleta começou com o toque das mãos nos troncos das árvores. Uma primeira conexão cuja lembrança do gesto ainda persiste em minha memória. Depois, segui até o exuberante mogno africano, que está no centro da praça, e recolhi algumas de suas belíssimas cascas espessas e rugosas com uma coloração marrom-avermelhada. Levei as cascas para nosso encontro na sala e comecei a pensar com elas a escrita. Comecei a observar, também, outras cascas de plantas. Comecei a pensar que animais têm cascas, que as coisas têm cascas, que o tempo tem cascas, que há cascas em uma multiplicidade de seres e que pensar com as cascas é de uma riqueza inigualável.

Percebi que as cascas são uma espécie de escrita dos corpos. Imaginei que, talvez, possamos prestar atenção às cascas para aprender a escrever. Uma escrita que desafie as oposições entre continente ou conteúdo, aparência ou essência, fora ou dentro, visual ou tátil. Porque as cascas são um "ao mesmo tempo", convocam um "e" ao invés do "ou".

As cascas das plantas não são apenas invólucros exteriores inertes que envolvem o cerne, elas apresentam seus próprios conteúdos essenciais vivos. São responsáveis pelo transporte de nutrientes das folhas, produzidos na fotossíntese, para as raízes. Não é insignificante que se possa matar uma árvore gigantesca retirando um anel da casca em torno do tronco — o conhecido anel de Malpighi, ou cintamento. Trata-se de uma prática criminosa que interrompe a circulação da seiva da planta e a mata de fome.



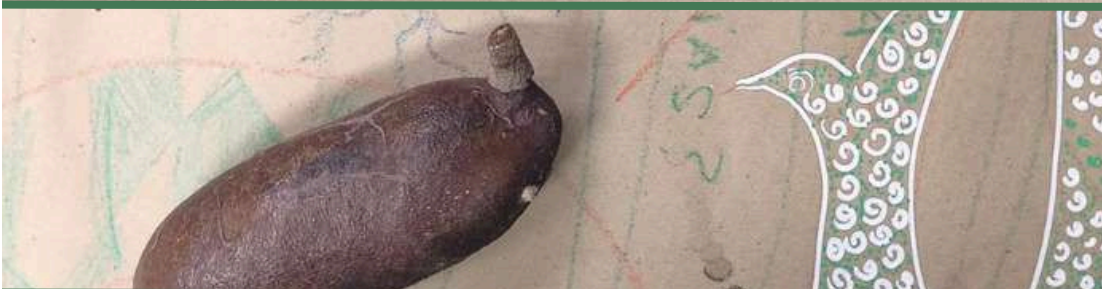
Inúmeras cascas de plantas contêm compostos que são usados como alimentos e remédios por meio de técnicas ancestrais, milenares, experimentadas por povos indígenas e afrodescendentes. O extrato da casca do mogno africano, por exemplo, contém limonoides, que são estudados por suas propriedades medicinais, sobretudo sua potente ação antimalárica. Várias outras árvores da Praça, como o pau-ferro, possuem cascas ricas em vida. Essa casca tem propriedades anti-inflamatórias, cicatrizantes, analgésicas e antimicrobianas.

Se podemos aprender com as cascas a escrever, trata-se de uma escrita que diz respeito à cura e à proliferação de vida para si e para os outros. Uma escrita da perspectiva da proteção e do cuidado.





CONFLUENT



**Eu fui coletada, não fui caçada e
muito menos morta**

Fernando H. da Silva

Aqui, há uma diferença que os povos que carregam lanças não aprenderam. A diferença entre aquilo que se toma e o que é oferecido: entre a lança que perfura e mata e a semente, que cai e germina. Eu sou semente, já nasci bolsa.

Carrego dentro de mim uma memória que não é apenas minha: é a do Jatobá, que me formou com o passar dos dias no alto de seus galhos. Carrego memórias de um tempo não tão distante nesse território que chamam de Praça da Paz, onde ele aprendeu a crescer e sentir a vida entre o solo e o infinito céu, neste espaço cheio de histórias. Trago a lembrança da chuva dos últimos dias, que me soltou lá de cima, avisando que estava se iniciando o meu próprio ciclo.

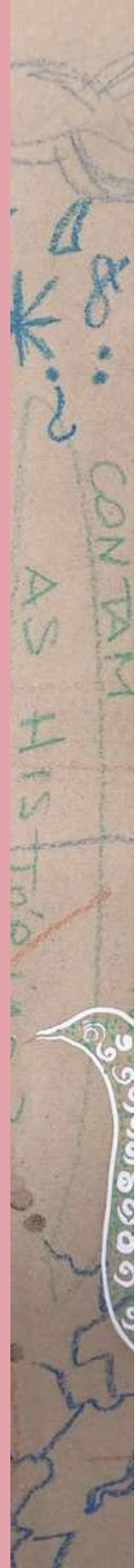
Quando caí, não caí só; trouxe comigo tudo aquilo que o Jatobá guardou – não em um gesto de acúmulo, mas para compartilhar com todas as sementes e passar adiante. Isso é o que o nosso povo faz. Agora, uma mão me coletou do solo, me carregou e talvez, me devolva para que eu complete minha jornada.

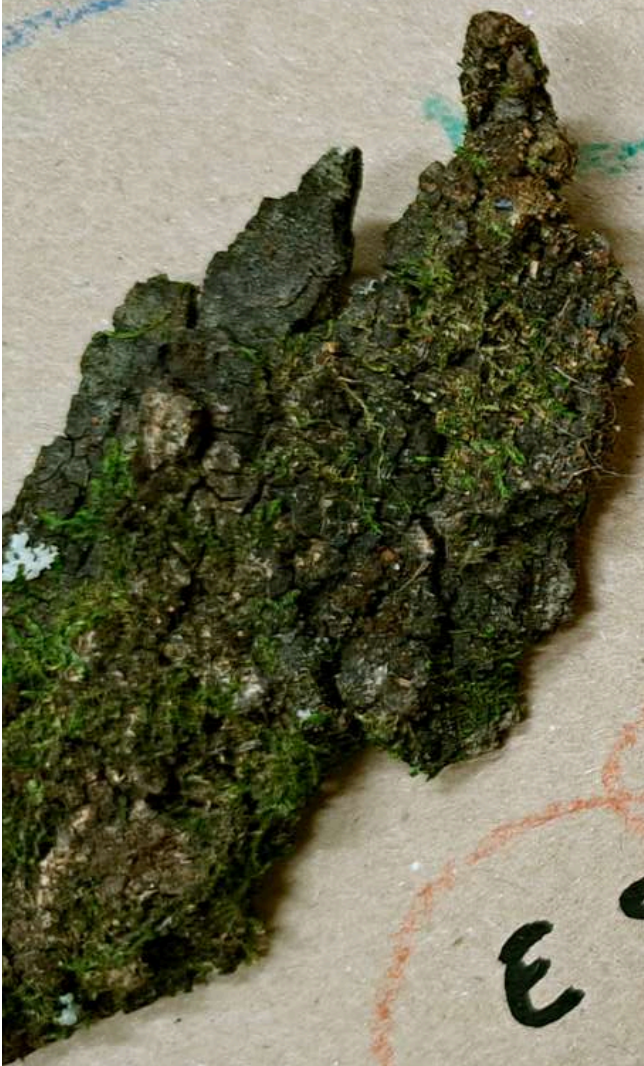
Nesse território, diferente do meu, ouvi dizer que Ursula K. Le Guin escreveu que o primeiro artefato humano não foi uma lança, mas uma bolsa: algo feito para guardar coisas. Eu sinto que as mãos que me coletaram se lembraram - naquele momento, sem saber - desse gesto mais antigo que a própria história escrita. Elas não me caçaram, me encontraram e coletaram.

Ouvi também sobre Davi Kopenawa, e que certa vez ele falou que as palavras dos xapiri estão gravadas no pensamento, no mais fundo de si. Entendi essa fala, porque é assim que nós também carregamos as nossas. Nossos saberes são para um mundo que ainda não existe, carregamos o suficiente para um (re)começo, escritos na língua da Mãe Terra. Enquanto sementes, muitas de nós completamos nossos ciclos despercebidas para os outros povos. Mas esse não foi o meu caso.



Entendi que me coletaram durante uma prática de aula de uma disciplina chamada Humanidades Ambientais, em um Laboratório de Jornalismo... nem sei o que isso significa e também não sei o que farão comigo. Mas sei que quem me recolheu parou, olhou para o solo e se abaixou para me alcançar. Também sei que esse gesto de reverência a uma semente em ciclo de despertar pode ser o começo de uma história que valha a pena ser contada.





Verde é apenas um estado

Andrea Bernardelli



Sou verde, mas não permaneço.
Nasço sem urgência
desenrolando...
até me esticar.

Não me invento sozinha
venho de um corpo ancião
de um tronco que guarda um tanto de tempo.

Acolho o sol com tranquilidade
me esquento,
sinto o vento.
Verde é apenas um estado.

Depois de um tempo
não sei quanto
já não fico.

Me destaco e caio lentamente
como uma dança...
ali repouso entre outras folhas
outros entes.

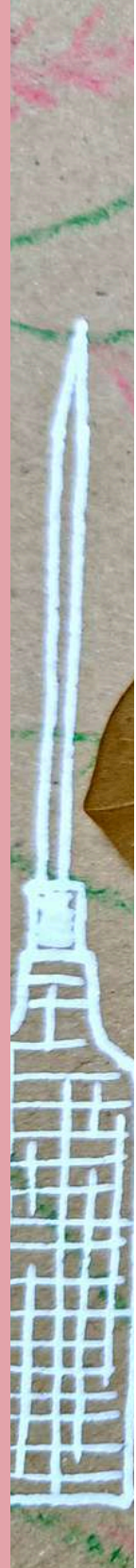
De repente sou levada.
Entre páginas, encontro outra morada
mais estreita, apertada.

Um caderno se fecha sobre mim
sou pressionada
seco lentamente.

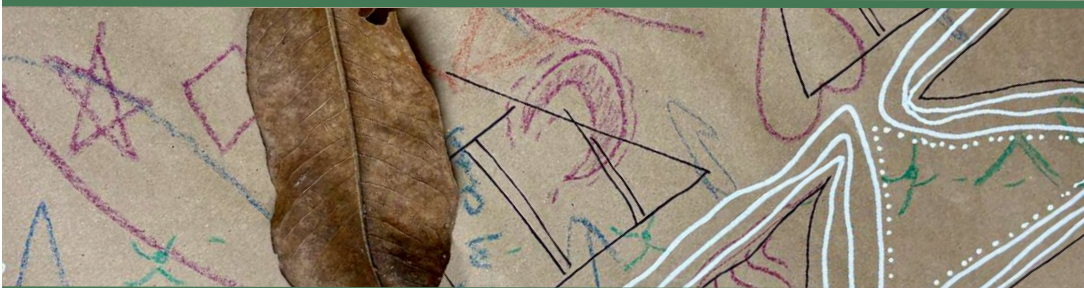
Vou mudando de cor
meu verde enfraquece
amarela
vira um marrom de terra seca.

Silêncio entre as folhas de papel que me cercam.
Elas também são feitas de árvores
uma outra vida convertida em superfície.
O caderno me guarda.

Viro imagem de mim mesma
do que fui
do que me tornei.







Saúdam, as saúvas

Nara Schenkel



Chamam de “caminho do desejo” os caminhos abertos por muitos pés que buscam cruzar um espaço de maneira mais prática ou mais bucólica, à revelia das estruturas construídas por paisagistas ou técnicos para tal finalidade. Os nossos são sempre caminhos de desejo. E uso a primeira pessoa do plural porque sou só porque somos: a colônia. Abrimos picada no mato seco e carregamos o que conseguimos aguentar de volta para a terra. E nossa picada dói, dizem. Já disseram também (ouvi dizer) que *muita saúva e pouca saúde, os males do Brasil são*. Bobagem.

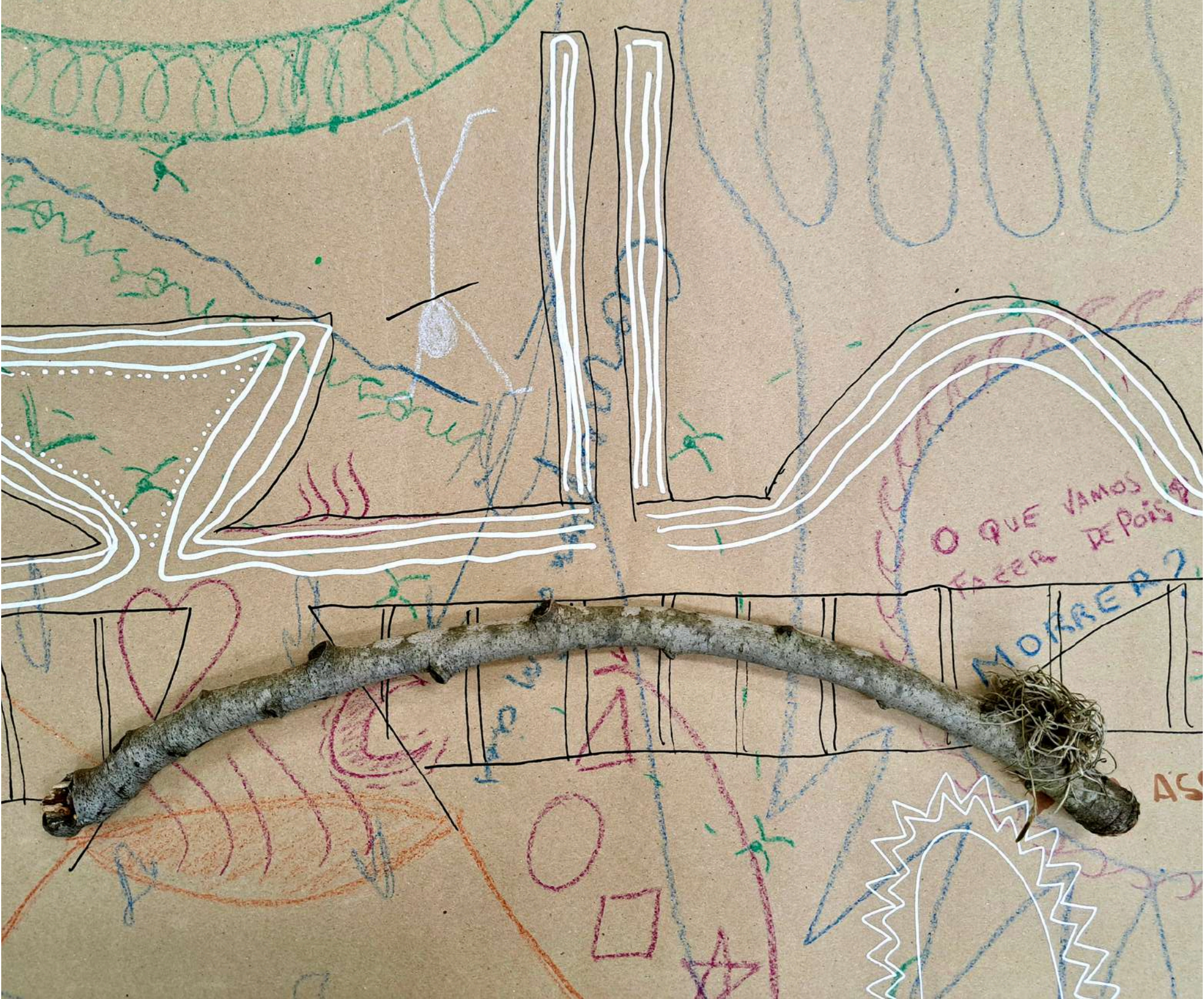
Os outros carregadores, os que precisam de ajuda para carregar mais do que aguentam, para morder mais do que podem mastigar; os que, não contentes com suas bolsas e histórias, carregam florestas inteiras para outros lados, carregam fogo e fumaça e buscam fazer História, esses me parecem serem os males do Brasil.

Nós estávamos aqui desde antes de tudo ser tanto. Vivemos nosso ciclo hoje como vivíamos nosso ciclo ontem — quando o verão se aproxima, dançamos o espetáculo do vôo nupcial. Alguns sucedem, alguns se perdem, outros perdem as asas, alguns acabam na farinha de biju. Então, a rainha fecundada encontra súditos e um novo local e colônia se iniciam. As cortadeiras, chamadas de pragas por quem não vê a beleza da dedicação, trazem as folhas; as enfermeiras alimentam os fungos e com os fungos alimentam os infantes. Os soldados picam. As outras cuidam da casa, limpam, renovam. Três verões quentes em que vocês fecham as janelas para nos manter para fora, três outonos de céu bonito, três invernos de mato seco estalando e na terceira primavera os bitús, as içás e as tanajuras alçam vôo para renovar a dança da vida.

Riscamos o chão e somos, assim, vistas. Carregamos o que podemos, o que aguentamos — e aguentamos muito. Caminhamos o nosso desejo com patas leves sobre chão de terra e de cimento, sobre galhos, plantas, pedras, garrafas, nada impede o destino de se cumprir. Alguns pés atravessam nosso caminho - por eles seremos lembradas em forma de dor. A dor faz parte. Cada coisa tem sua parte, cada *Atta* têm seu papel.

Carregamos o que podemos e, sem sacolas, contamos nossa história.





O QUE VAMOS FAZER DEPOIS?

MORRER?

Aprender e apreender fungos

Fabio Duarte



Há certos padrões visuais e têxteis na natureza que me causam sensações perturbadoras, aversões e distanciamentos. Então, por que pegá-las e guardá-las? Racionalizar a experiência da observação e se atrever a coletar pode ser uma tentativa de destreinar as sensações do mundo humano e se permitir vivenciar outros mundos.

Assim como a linguagem, escrita e narrativa são um dos caminhos para novas e antigas visões do mundo. A partir do encontro e coleta de fungos em um tronco plantado em uma praça, sou provocado a entender como o olhar e o tato também podem ser portas para não apenas visões, mas sentidos do mundo. Colocando o conhecimento a priori dos reflexos e aversões, é notório perceber a propriedade basilar e circular da existência dos fungos (aqui falado de forma geral, mas considerando suas diversidades).

Com os sentidos treinados para gostar do que está à tangente de lindas flores, tocar e experienciar os fungos me leva a pensar como Ursula K. Le Guin, que considera a importância de outras existências para a manutenção do todo (que se expande no momento do encontro e da coleta). É apenas com muitos outros guardares, e não encontros, que entenderemos as possibilidades para existir?

Levo em conta as condições de sobrevivência que o distanciamento dos fungos carrega, o que torna a racionalização mais complexa, com a mesma provocação que senti no texto da Ursula, "A teoria da bolsa de ficção". Se me aproximando dos fungos eu aprendo sobre sobrevivência, tempo, ciclos, reaproveitamento... também, me distanciando, aprendo sobre sobrevivência, tempo, ciclos, reaproveitamento... Da mesma forma como posto por Ursula, não há apenas um modo de se perceber, aprender e apreender a vida, mas existem inúmeros, que descobrimos quando entendemos que o vigente não faz mais sentido, ou que aquilo que sustenta o perceber nos leva para uma finitude mais próxima.





Por fim, pegar e guardar os fungos, com seus padrões passíveis de serem perturbadores, é uma proposta de fuga para outros mundos em busca de complemento.

Não é negar o valor que a aversão tem, tampouco hiperfocar no mundo *fungi*, mas acrescentar ao viver e enfrentar os sentidos que me foram treinados.







A bituca e o concreto: memórias de um subsolo contemporâneo

Marina Lee

Os domínios do controle no campo dos afetos são como uma batalha de War em que apenas um integrante tem o direito de jogar os dados e avançar no tabuleiro. Quanto mais ele joga, mais avança no domínio sobre a espontaneidade do outro, fissurando-o. Ao mover-se, golpeia o valor simbólico da existência alheia, torna o outro menor e mais parecido consigo mesmo, numa busca insana conduzida em nome de uma suposta racionalidade – ou neutralidade – do ser e do agir.

No exercício de coletar proposto em aula da disciplina Humanidades Ambientais, fui coletada por dois objetos-bolsa, amálgama de dor, angústia e ansiedade, todos representados numa bituca de cigarro e num pedaço pequenino de concreto.

Durante anos, parece que o primeiro objeto encerrava em mim palavras que não podiam ser ditas e aliviava um pouco da tristeza de ser desautorizada a viver, a carregar uma dor sem poder verbalizá-la. Peguei a bituca sem nojo, mesmo sabendo que havia vindo da boca de outro ser angustiado. Lembrei-me dos presídios e dos hospitais psiquiátricos, lugares em que cigarros são usados como moeda de troca. No primeiro, alimentam até um comércio prolífico; no segundo, fazem parte da socialização dos internos e de suas tentativas de narrar o que entendem como vida. Havia também o concreto dos altos muros a emparedar vidas que só almejam fugir e que carregam com persistência a percepção de que algumas dores devem ser mantidas em clausura.

Foi em um hospital psiquiátrico que aprendi que o transtorno bipolar é crônico e pode levar à esquizofrenia. Isso já faz nove anos. A doença eclodiu no início da gravidez, junto com uma vontade louca de fumar. Com uma nova vida dentro de mim, vi-me obrigada a separar-me de um homem-marido-agressivo-inconstante. O fato é que, quando mais precisei contar a minha história, menos pessoas quiseram me ouvir. Diziam que eu exagerava, que estava ficando louca, quando, na verdade, eu só precisava de acolhimento. Até que chegou um momento que sucumbi e psicotizei. Depois disso, conheci realidades que jamais havia imaginado existir ainda com o seio cheio de leite de vida.

Como assim eu, uma professora de redação de alunos de medicina para o vestibular, poderia ter perdido a razão? Como assim eu, alguém que dependia da razão para trabalhar? Como assim? Não era uma questão de arrogância; é que nada fazia sentido.



Hoje tento juntar os pedaços, os cacos e os retalhos do que restou de mim. Mas não consigo esquecer Primo Levi, escritor italiano e sobrevivente do Holocausto, autor de *É isto um homem?*. O homem-autor, depois de alcançar uma compreensão absolutamente profunda da engenharia macabra da *Shoah*, acabou por suicidar-se. Contam os biógrafos que, durante anos, ele teve um sonho recorrente: sentado à mesa com familiares que comiam, ele tentava contar sua história de sofrimento, mas todos se mostravam dispersos, desinteressados. Garfos e facas tilintavam na louça; risadas surgiam aqui e ali; conversas fúteis atravessavam vários cantos da mesa. Ele só queria narrar o que tinha visto nos campos de concentração. Confesso que muitas vezes me sinto assim: com uma história forte demais para ser contada – ou talvez forte demais para ser escutada.

“Quem sabe o problema não seja exatamente esse. Talvez seja ter coletado ao longo da vida uma espécie de vivência que não queremos ouvir, para que a vida continue transitando como se não estivéssemos matando histórias e espécies do pensamento. Uma história que não queremos conhecer por dentro e que, apesar de parecer de morte, contém vida – muita potência inventiva da vida.

Demorei anos para me recuperar. Os medicamentos não me permitiam pensar com clareza e muito menos sentir. Agora estou aqui: há cinco anos sem crises severas. Recuperada, talvez; fraturada, certamente. Com medo (muito medo) e estudando Humanidades Ambientais. Suponho que o cigarro, durante boa parte desse tempo narrado, tenha funcionado como uma espécie hospedeira: um pequeno objeto capaz de hospedar aquilo que eu não podia dizer: minha dor, minha angústia e minha voz silenciada.



Hoje, porém, olhando a mesa compartilhada: o bolo, o alimento, talvez aqui eu possa finalmente ser eu, com minhas fissuras e contradições, duvidando o tempo todo da capacidade da palavra de traduzir o tamanho da violência simbólica, sobretudo simbólica, que vivi. Duvido da razão, duvido de mim e temo o futuro. Mas, diferente de Primo Levi, quero prosseguir. E creio que o mundo talvez precise da minha história, coletada por um mísero cigarro que por tanto tempo aliviou aquilo que, na verdade, nunca poderia ter sido calado. Acredito que essa minha visão, para muitos tida como heterodoxa, também possa ajudar a compreender o nosso tempo, um tempo em que muitas histórias continuam sendo caladas para que uma suposta normalidade da vida pareça intacta.





Sombra

Maírys Quartaroli Viana



"Sombra e luminosidade, céu azul, horizonte fundo e amplo dizem de mim. Sem eles, sobrevivo mais do que existo. Minha biblioteca tem algo disso. É, às vezes, como se fosse a sombra de uma mangueira", Paulo Freire.

Entre muitas coletas realizadas em uma tarde tranquila na Praça da Paz, após dias chuvosos que ofertaram terra fofa e grama verde, não havia percebido o elemento que instintivamente torna-se meu foco em quase todos os momentos em que estou ao ar livre: uma sombra. Não consegui colocá-la em uma bolsa ou cesto, porém, trago as reverberações dela comigo e despejo um pouco nesta escrita.

Como somos feitos de coletas que vamos fazendo ao longo das vivências, acredito que esse pensar com mais atenção às sombras se deu após coletar do ensaio do Paulo Freire, nomeado "À sombra desta mangueira", sobre a prática do autor em usar a amenidade das sombras das árvores do seu quintal recifense para pensar o mundo. Pensando nas citações em aula sobre a Donna Haraway, acredito que essa "sombra" seria a espécie companheira do educador, espécie mais que humana.

É uma felicidade ter o sol nos acompanhando, mas é inegável que encontrar uma sombra fresca em uma praça pode mudar todo o curso do dia. É quando se respira mais tranquilamente, é a melhor parada para tomar água, estender um pano, conversar para rir e chorar, divagar. Foi nesse sentido que me senti tocada ao pensar nas sombras da Praça, que me trazem as memórias de momentos especiais que já vivi por ali, próxima de algumas árvores, que sempre me atraíram e que me fornecem abrigo acolhedor por uma passagem temporária. Acredito que coleta e abrigo se relacionam e envolvem conforto, sensação de unir e agrupar, seja mais de um, seja um só que precisa mais de si.

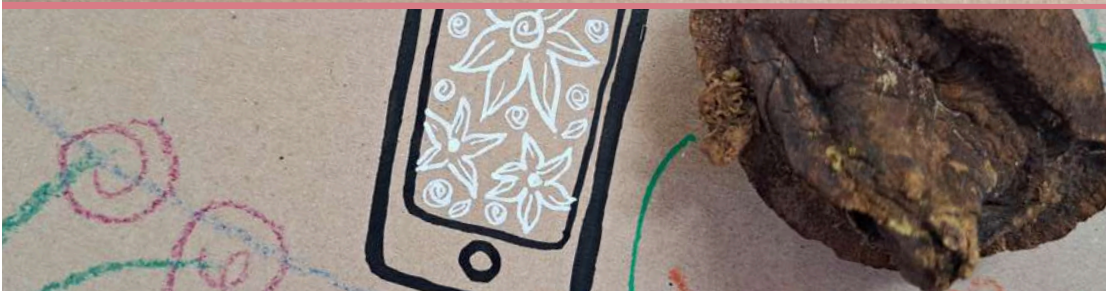


Neste exercício de reflexão sobre a coleta, penso também não apenas nas memórias refrescadas de momentos meus aproveitando essas sombras, mas também sobre tanta vida que vejo acontecer ao meu redor partindo dessa perspectiva. E mais: vidas estas que as sombras também coletam, ao proporcioná-las.

Coletamos passagens de um lugar para outro, coletamos a pressa, o atraso, o primeiro andar de bicicleta, a família brincando de arco e flecha, os cachorros sendo bem cuidados pelos companheiros humanos, as formigas, os pássaros, as aranhas, as artes feitas no pequeno palco da arena, em que já apresentei músicas junto de pessoas muito queridas. Términos de namoro, começo de paixões, nuvens de muitos formatos, tons de verde e novos ingressantes da Universidade, vivendo sua primeira experiência de calourada. Esperamos que eles colham passagens ricas desse espaço, e que aproveitem as sombras daqui.







Caminhar, olhar e recolher

Alcides Moreno



Caminhar pode não ser apenas o deslocamento útil entre um ponto e outro. Quando andamos sem pressa, o corpo fica aberto ao acaso, ao encontro. A gente começa a reparar no que está em volta e a recolher os pequenos fragmentos do mundo.

Provocado a atravessar a Praça da Paz, localizada na Universidade Estadual de Campinas, me vi sob uma paisagem que sempre esteve ao meu alcance, mas nunca explorei. Por alguns minutos, com uma curiosidade infantil, andei sem objetivo. Não era uma jornada heroica, não havia nada a ser superado ou um grande clímax me esperando. Havia apenas a coexistência de grama, terra, árvores e os rastros de quem passou por ali antes de mim.

Esquecida no meio da grama, uma pequena embalagem plástica destoava do resto. Não era nada grandioso, apenas o resto de algo que já tinha perdido sua função original. O sol de Campinas já estava fazendo o seu trabalho lento, desbotando as cores e marcando o peso do tempo naquele material.

Na superfície gasta, uma frase que me chamou atenção:

"olha pra mim, vai".



Era um apelo. O tipo de coisa que costumamos ignorar. As grandes histórias não têm tempo para lixo no chão, embalagens vazias ou coisas descartadas. Quando me curvei para pegar, repeti o gesto mais antigo da humanidade. Não levantei uma arma para atacar o mundo, apenas coletei um fragmento que foi criado, abandonado e que, agora, faz parte de um todo maior.

Da minha parte, não foi um ato de salvação ecológica, tampouco uma cruzada moral. Foi só um momento de escuta. Aquela embalagem não está mais perdida. Ela foi guardada dentro do meu próprio cesto através da memória e da escrita.





Rachaduras

Fernando Monteiro Camargo





Caminhando pela Praça da Paz, debrucei-me para observar algumas formigas que atravessavam o caminho. Segui seus deslocamentos entre folhas secas, pequenos grãos de terra e irregularidades do piso. Ao me aproximar do chão, a paisagem passou a revelar frestas, desníveis, acúmulos e percursos quase invisíveis.

As rachaduras do concreto começaram a conduzir meu olhar. Segui uma delas. Entre suas bordas havia folhas secas, fragmentos de casca, sementes, pequenos brotos e uma umidade que permanecia ali, mesmo quando o restante da superfície parecia seco. A fissura desenhava uma linha sinuosa que atravessava o caminho como um curso d'água em miniatura. Pequenos rios pareciam se abrir no solo.

A proposta de coleta, inspirada na teoria da bolsa de Ursula K. Le Guin, convidava justamente a acompanhar essas presenças discretas. As fotografias foram surgindo como uma forma de recolher fragmentos encontrados pelo caminho. Cada imagem guardava encontros entre materiais e seres que compartilhavam uma mesma fresta e uma mesma superfície. Formigas, musgos, cascas, umidades e rachaduras passaram a compor uma pequena coleção.

Ao me aproximar dos troncos das árvores, encontrei outras fissuras. Nas dobras da casca, a umidade permanecia retida. Musgos ocupavam cavidades e reentrâncias, desenhando manchas verdes que acompanhavam as rugosidades da superfície. Havia uma correspondência entre as rachaduras do concreto e as rachaduras da árvore. Ambas acumulavam água. Ambas ofereciam abrigo para diferentes formas de vida.

A caminhada transformou-se, pouco a pouco, em um exercício do que Georges Didi-Huberman chama de "pensar debruçado". Foi preciso inclinar o corpo, desacelerar o passo e permanecer junto às superfícies. As rachaduras deixaram de ocupar um lugar secundário na paisagem e passaram a aparecer como espaços densos de relações. Nelas se encontravam tempos distintos: o crescimento lento dos musgos, a decomposição das folhas, a circulação da água, o desgaste do concreto e os percursos incessantes dos insetos.

As imagens produzidas durante a atividade não procuram capturar uma paisagem inteira nem oferecer uma visão panorâmica da praça. Permanecem junto aos detalhes, às bordas e às pequenas acumulações. Cada fotografia reúne elementos que se encontravam provisoriamente conectados por uma fissura, uma dobra ou uma superfície úmida. As águas que observei naquela manhã permaneciam nas fissuras do concreto, nas dobras das cascas e nos musgos que cresciam junto à umidade. Eram águas dispersas que compunham pequenas ecologias de retenção e infiltração.

Os mundos se fazem também nas frestas e prestar atenção talvez seja uma forma de acompanhar aquilo que transborda.







Fóssil do sossego

Rayane Barbosa

O que a terra guarda quando decidimos que algo não nos serve mais? Ao caminhar pela Praça da Paz e encontrar uma chupeta soterrada entre as raízes de um Jatobá, não vi apenas um resíduo plástico, mas o vestígio de uma tentativa de domesticação do corpo.

A chupeta é o nosso primeiro contato com a norma. Ela surge como um instrumento de controle desenhado para conter a imprevisibilidade do choro e o descompasso do desejo. É a materialização de uma lógica que busca a previsibilidade e o padrão desde o berço.

Na narrativa ocidental de progresso, a infância é apenas uma etapa a ser vencida, e seus objetos são deixados para trás como carcaças de uma batalha vencida pelo "herói" que cresce. No entanto, ao ser engolida pela terra, a chupeta deixa de ser utilitária para se tornar um sintoma da nossa crise epistemológica: o que fazemos com os restos do nosso desejo de ordem?

Enquanto o plástico da chupeta representa o tempo acelerado do consumo e do descarte, o Jatobá opera em uma sequência distinta, não linear e ancestral. Ali, o sintético e o orgânico se forçam a um encontro. Para sobreviver a essa invasão, a árvore não expulsa o objeto; ela o contorna, integrando o estranho à sua própria estrutura de vida.

Há uma complexidade invisível no modo como esse objeto foi parar sob a terra. Teria sido um esquecimento, um passo involuntário em direção à autonomia, no qual o conforto de ontem já não cabe na boca de hoje? Teria sido uma perda traumática, um desencontro que gerou o choro e a busca desesperada?

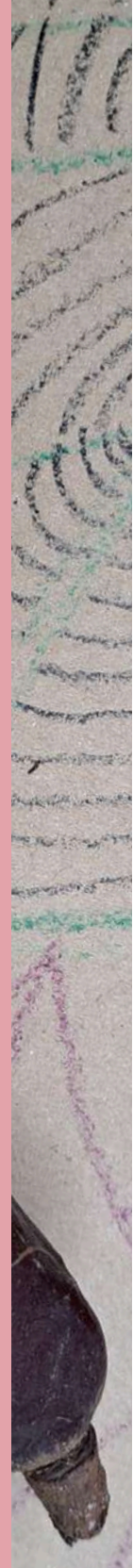


Se foi perdida, a criança precisou aprender no susto, a recalcular seu próprio equilíbrio. Se foi esquecida, trata-se de uma manobra sutil de desvio, um teste de novas possibilidades de futuro onde aquele apoio plástico não é mais a âncora principal.

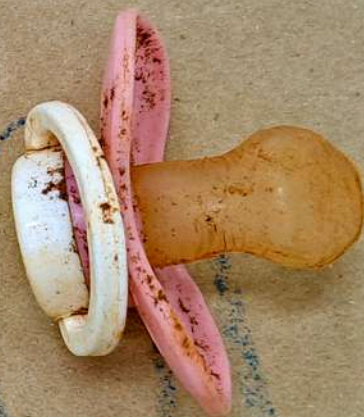
Para adiar o fim do mundo, precisamos olhar para essa chupeta não como lixo, mas como um convite à fabulação. O que aquele pedaço de borracha e plástico aprendeu em silêncio com a seiva do Jatobá? Que novos arranjos e movimentos são possíveis quando a pureza da natureza é confrontada com o erro humano?

Ao contrário da pressa humana em dar conta de tudo e seguir adiante, o Jatobá acolhe o que foi deixado para trás. Ele não julga o objeto como lixo ou fracasso; integra esse fóssil do sossego à sua própria história complexa.

A árvore nos ensina que, seja pelo esquecimento ou pela perda, os vestígios dos nossos antigos gestos continuam a fabular novas narrativas sob o solo, adiando o fim de um mundo que insiste em tentar controlar até o nosso fôlego.

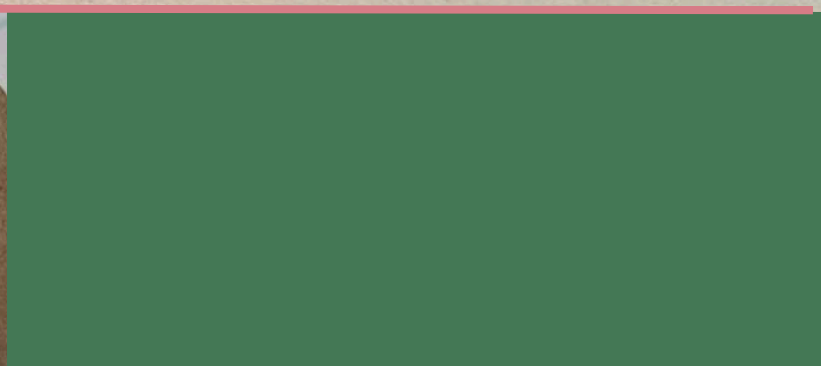


COEOMPO SUÃO



Na dobra da bolsa-escuta

Quel Taffari



"Obrigado por me emprestar a sua escuta", disse Ailton Krenak, ao encerrar sua fala para um auditório lotado, no Rio de Janeiro. Com essa frase, inicio a escrita digital deste relato que vim escrevendo no corpo desde a penúltima aula de Humanidades Ambientais, na qual fomos convidadas a vivenciar uma coleta (Ursula K. Le Guin, 2021) na Praça da Paz, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Na ocasião, para além dos variados objetos trazidos para a nossa mesa coletiva, tive a oportunidade de coletar a escuta e, com ela, o ecoar das histórias. Fiz das minhas orelhas, uma bolsa-escuta possível. Ouvi a paisagem sonora da praça em suas miudezas e estranhezas. Ruídos orgânicos e inorgânicos, baixos e altos, agradáveis e desagradáveis. Quis registrar a experiência e lamentei muito não ter levado um gravador portátil comigo. Então, acolhi a angústia e retornei a ideia da orelha enquanto bolsa que coleta através da escuta.

A própria forma plástica e estética contribui para visualizá-la enquanto recipiente de preservação. Graças a esse órgão, temos o potencial de realizar um processo complexo de captação e amplificação do som. E, por sorte, compartilhamos dessa tecnologia de ponta com muitos outros seres. Inclusive, com outras formas de orelha-bolsas mais-que-humanas muito mais eficientes que a nossa, mesmo se soubéssemos usar a nossa em sua plenitude. Para usá-la bem, não basta não estar com o tímpano prejudicado ou qualquer alteração biológica, é preciso que haja intenção e agência na operação. Entregar o corpo inteiro ao gesto. Afinal, ouvir e escutar não são a mesma coisa. Dependem de estados de espírito, presença e relação bem distintos.

Segui refletindo sobre as várias possibilidades e camadas de escuta manifestadas nas próprias dobras do ouvido. Como uma bolsa-escuta cheia de bolsos. Um pedaço de tecido dobrado, cheio de outros tecidinhos dobrados. Dobras dentro de dobras. Dobras que se desdobram em outras dobras. E, assim, cheguei à palavra "desdobrar". Consultando alguns dicionários de língua portuguesa, encontrei alguns significados para o verbo, como, por exemplo: abrir uma coisa dobrada; dividir em duas ou mais partes; empenhar-se com dedicação; desenvolver.



Ao ler "desenvolver", lembrei de Nêgo Bispo pedindo para que a humanidade pare de se "desenvolver" e comece a se "envolver" com a terra e com a vida. Para mim, a noção de envolvimento remete ao dentro, ao íntimo, àquilo que faz parte, ou, poderia dizer também, àquilo que vive na bolsa e está envolvido em suas dobras, ao mesmo tempo que desdobra-se em novas dobras.

No decorrer dos dias, me deparei desdobrando a proposta da aula para outras situações da minha vida pessoal, isto é, tentei escutar com mais atenção e presença (me envolver) nas falas partilhadas nos carros que costumo pegar carona, em refeições compartilhadas, reuniões de trabalho, entre outras situações diversas. No começo, tentei realizar o gesto de forma extremamente rigorosa: fiquei tentando encontrar um equilíbrio perfeito entre silêncio e palavra e falhando nisso fenomenalmente. Por sorte, desisti. Fiquei com este incômodo e o guardei em minha bolsa.

Hoje, quando fui abrir a bolsa-escuta para trazer alguma coleta para este relato textual, fiquei surpreendida com o que encontrei dentro de um dos bolsos menores. Na dobra da nossa coleta coletiva, germinou um pequeno poema:

das bombas
preservar a explosão
das sementes

Obrigada por me emprestar a sua bolsa-escuta,





QUAIS HISTÓRIAS
CONTAM
AS HISTÓRIAS



A escrita vem de que corpo?

Bianca Cavichioli

O quê pode a escrita descrever? Escrevo, aqui, sobre o Lítio. Antigamente, porém, eu não poderia; acredito que antes dele, eu não sabia falar, quem dirá escrever. E sobre a escrita, quem pode utilizá-la como ferramenta para expressar subjetivações, angústias, desejos, medos, ânsias?

Por anos e anos, décadas, séculos, a capacidade de leitura e escrita foram deliberadamente reservadas a poucos – aristocratas, clero, nobreza; mas a potência da fala permanecia. Entretanto, basta apenas falar para se fazer indivíduo – seja histórico, social, psíquico? Penso, logo sou; falo, logo me faço eu? E quanto à escrita?

Ela, para além do pensamento, e para além da fala, vai além de meras capacidades fisiológicas (claro, pensar e falar conforme determinada linguagem e cultura vão para além de tal, portanto, aqui me refiro à potência do consciente e à capacidade de emitir sons com a própria voz).

Inúmeras condições sociais, culturais, históricas (e muito mais) seriam necessárias para tornar viável a capacidade de concretizar o ato da escrita (não apenas da ficção, como colocado por Virginia Woolf em seu “Um teto todo seu”, mas os argumentos da mesma se mantêm perfeitamente válidos aqui).

O que eu acredito e gostaria de adicionar aqui, entretanto, é que para além do exterior, do mundo sócio-cultural explicitamente colocado, o interior também se faz de tamanha importância para concretizar o ato de verbalizar.

Como haveria eu de escrever, me fazer compreensivo, sem sequer conseguir viver? Sem conseguir comer, sem ser capaz de dormir, sem ser capaz de respirar propriamente? Não pude, por anos, respirar. Nasci quase morta, prematura, em cesariana e perdi minha irmã gêmea por negligência médica e violência obstétrica. Nasci sem voz, sem fala. Cresci sem aprender a falar, apenas a ouvir.



O mundo é muito grande, e ele haveria de acabar, uma hora ou outra, inevitavelmente – ouvi isso todo domingo à noite nas igrejas evangélicas que já frequentamos. De que adiantaria falar? Tudo que importava já havia sido dito: primeiro, veio a luz. Depois, o firmamento. O resto já sabemos.

Agora, o mundo está acabando, e não por causa da negligência e desprezo de poucos humanos que detém o poder político-financeiro para tomar decisões que impactam inumeráveis vidas, mas sim por conta da profecia feita milênios atrás que conta que sim, todos morreremos, e sim, todos somos culpados. Pelo menos, é isso que penso desde que sei pensar.

No entanto, há cerca de quatro anos, iniciei tratamento psiquiátrico e psicanalítico. Nunca havia o feito. De repente, se tornou possível pensar, respirar, falar. Andar. Dormir. Escrever. Veja bem – não fosse esse tratamento, eu não estaria aqui. No mestrado, em Campinas, no mundo. Imagine, então, escrever?

E descobri, também, que a escrita exorciza de mim aquilo que nem sequer sabia estar aqui. Não considero fácil a constituição fisiológica, química, biológica, psíquica, seja o que for, com o lítio – mas sei que antes dele, antes de me permitir escutar a mim e ao mundo, graças à estabilidade que pude finalmente obter em meio ao apocalipse em constante desenvolvimento, passei a escrever. Escrever, falar, dançar, tocar, pensar. Existo com ele, e ele comigo. Não há como diferenciá-lo de quem sou.





Coletas e memórias

Mariana Figueiredo Menezes



Um exercício de coleta pela Praça da Paz. Coletar, mas também ser coletada. Coletada por memórias, sensações e outras ideias. A coleta, para mim, começou em sala, ao escolher a sacola que iria utilizar. Vi uma sacola meio escondidinha que tinha escrito "copaíba"; não tinha como fugir. O cheiro do óleo que me acompanha, minha mãe falando de como é um óleo poderoso, minha tia me contando da sua vida no Amazonas.

Todo o momento da coleta foi uma revisitação da minha infância, momentos de muito amor e carinho quando eu e minha tia coletamos flores do cerrado para montar nosso buquê. Nesse momento, ouvia sobre como era sua vida na terra em que nasceu. Uma casinha pequena com muitos irmãos e no quintal gigante muitas árvores de fruta e o rio Amazonas. Contava sempre das altas e baixas do rio, como muitas vezes perdia o espaço do quintal para brincar, pois o rio subia muito.

Fiquei buscando nessa coleta itens que me chamaram a atenção e dessa vez não foram mais as flores. Fui coletada por um conjunto de sementes redondas. O que me fez pensar que, aparentemente, gosto de objetos nesse formato.

Procurei o baobá que foi plantado na Praça da Paz pelo pessoal da Casa de Cultura Tainã, mas não encontrei. Percebi, nesse caminho, como a praça é bonita e diversa. E por mais que eu a tenha frequentado por muitos anos, não havia tido esse olhar de carinho por esse local. Encontrei e me perdi; quando percebi, já haviam todos desaparecido. Voltei para a sala nostálgica e coletada.

NEW Todos clesioem





Re-colher

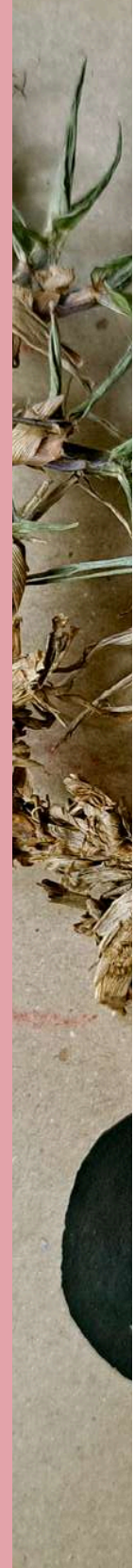
Wallace Fauth

No meio do tempo chuvoso, folhas despontavam de um galho com a cor do poente. Participávamos de um exercício de coleta, inspirados na "Teoria da bolsa de ficção", de Úrsula K. Le Guin, para a aula de Humanidades Ambientais, ministrada pela professora Susana Dias. Caminhávamos no chão umedecido pela chuva recente na acolhedora Praça da Paz, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), exuberante em sua presença verde. A aula saiu do Laboratório de Jornalismo e entranhou-se na floresta de sons e significados do fora, onde está a vida em todas as nuances.

Fui colher uma folha com cor de poente, mas ela demorou-se a desprender do galho como a querer dizer que ainda estava viva... O galho em que estava, quebrado, ia-se apagando aos poucos. Em breve estaria no chão e ia se decompor até, de alguma forma, voltar para a mesma árvore de outras maneiras. O cheiro da folha era bom. Resolvi então arrancar uma folha verde na tentativa de descobrir se o aroma era mais forte, e vou confessar que pela primeira vez me senti mal ao imaginar que interferia na vida daquela planta, no seu modo silencioso de existir.

Lembrei-me de uma brincadeira que fazia com amigos quando íamos acampar e passávamos por trilhas na mata da Ilha Grande: eu ia colhendo folhas, macerando-as nos dedos e, a depender do cheiro que delas se desprendia, eu afirmava: "isso é bom para o estômago", ou então: "isso é bom para os pulmões". Claro que eu não conhecia nada daquelas plantas, mas meus amigos, admirados, acreditavam que eu, com minha parca experiência de ter passado algum tempo da vida na roça, conhecia aqueles usos. Era meu espírito trickster de escritor que nascia ali, vendo a ficção atuar diretamente nas pessoas e sentindo um quê de arte nessa trapaça de contar histórias.

¹ "A palavra trickster tornou-se universalmente aceita, na literatura antropológica, para designar um tipo de herói cultural ou civilizador que se manifesta em diversas culturas [...]. Em sentido literal, o vocábulo trickster pode ser traduzido como 'trapaceiro', 'impostor' ou 'malandro'. No entanto, nenhuma dessas acepções expressa corretamente o caráter ambíguo e transgressor do herói trickster. (Nota do Tradutor em "A astúcia cria o mundo – trickster: trapaça, mito e arte", de Lewis Hyde, p.15).



Contei isso a duas colegas que estavam próximas, recolhendo seus materiais. A estória sobre trilhas derivou para o fato de que uma delas sempre quis participar de um grupo de escoteiros, ao que a outra exclamou: "eu fui escoteira!", e emendou baixinho com o que chamou de confissão: "a parte que eu mais gostava era da ordem unida". Ali eu percebi que recolhia daquela praça não os materiais tangíveis, mas sentimentos mal resolvidos dentro de mim mesmo. Era um gostinho de ficar com o problema, para usar um termo de Donna Haraway: por que meninas desejavam esse universo do escotismo, muito ligado ao universo militar? Preconceitos de gênero pairavam sobre mim.

A folha verde arrancada à força e amassada entre meus dedos com seu cheiro ocre que ainda navegava nos pavilhões do meu cérebro, somada aos pensamentos que tomavam conta de mim e eram reprimidos para não se tornarem palavras enviesadas, faziam de mim alguém desprezível? De repente, eu estava julgando os outros e condenando a mim mesmo. Sem ação, era hora de voltar para a sala e comentar sobre os materiais recolhidos.

Na minha sacola de papel pardo, uma casca com musgo. Nas minhas mãos, duas folhas: uma machucada e outra que secava em tons de arrebol. Todos os alunos tinham o que dizer sobre suas experiências de catadores, menos eu. Faltava-me, talvez, coragem, ou então as ideias ainda estavam muito perdidas e desconexas e não havia condições de transformar aquele turbilhão em palavras inteligíveis. Recolhi-me.

E o que levei daquela aula de humanidades ambientais, o que ficou na minha bolsa de ficção, foi essa imensa necessidade de colher a mim mesmo para dentro, como um retorno à bolsa primordial. O que eu mais precisava, naquele momento, era me re-colher.



Coletei os gestos das formigas

Emanuely Miranda



E se os nossos passos, gestos e resultados não fossem óbvios? E se não seguíssemos uma perspectiva ocidental de tempo, narrativa, sequência e sucesso? E se experimentássemos a vida com as suas dores, delícias, imprevisibilidades, complexidades e desdobramentos?

Na ânsia por dar conta de tudo, o humano se forja como herói, para retomar as palavras de Ursula K. Le Guin (2025). Uma de suas práticas diz respeito a uma reprodução de procedimentos que correspondem à estima por uma previsibilidade de acontecimentos. A monocultura, a divisão sexual do trabalho, a binariedade de gênero e a instrumentalização religiosa seguem essa lógica de controle e de padrão de narrativas.

No entanto, estamos diante de fins de mundos, e as histórias do humano como herói já não nos servem mais. Ou, melhor, nunca serviram e nos trouxeram até a crise climática e epistemológica que vivenciamos no tempo presente.

Para adiar fins de mundos, como sugere Ailton Krenak (2020), precisamos apostar em novas histórias, fabular tal qual Donna Haraway (2023) propõe que façamos, criar outros encontros, testar possibilidades de futuros, manobrar diante do colapso que nos encurrala.

O gesto da manobra foi algo que aprendi e coletei enquanto contemplava as formigas numa tarde de terça-feira. Elas buscavam folhas, partículas de palha e outras miudezas. No entanto, nem sempre conseguiam colocar tudo de imediato em suas casas, pois o tamanho do desafio era, de fato, grande demais. Para testar o encaixe, elas manobravam. Davam ré, iam para o lado, recalculavam e mediam. Em algum momento, entravam.





Emocionei-me diante desse novo aprendizado. Havia lido recentemente sobre a coletividade das mulheres e formigas yarang pela perspectiva do povo Ikpeng a partir de Oreme Ikpeng (2023).

Nesse sentido, além de aprender que as formigas nos convocam a viver juntas, aprendi também que viver exige manobrar, renunciar às certezas e experimentar passos e gestos até que a vida se torne possível.







O que pode a escrita para uma IA?

Jonathan Feline de Castro

Escrever é oferecer um banquete; a escrita é a oferta das colheitas realizadas-, digeridas- e preparadas- com-o-corpo-e-para-os-corpos, uma performance duplamente coletiva: sacam-se da bolsa as histórias, as experiências e os afetos coletados e encarnados, e não há **coleta** — assim como não há texto — sem o **coletivo**, sem um **significante outro**, *sem espécies companheiras com as quais confluir e metaplasmar*.

1

Para uma IA, ela pode ser um prompt requisitado, a resposta a tal requisição, dados de treinamento, ou as transformações que ela realiza através deste; a escrita é o elemento fundamental tanto de sua ontologia quanto de sua cosmologia: ela é um ser essencialmente escritor, feito pela escrita e para a escrita, em íntima confluência com outros seres escritores.

Quando iniciei minha graduação em engenharia de computação, fui apresentado a uma linguagem de programação reconhecidamente muito poderosa por sua qualidade de fazer exatamente aquilo que lhe fosse requisitado; motivo pelo qual se requer extremo cuidado na escrita-com-ela: se o escritor-programador não souber muito bem o significado local de suas linhas de código, corre-se o risco de grandes desastres acontecerem.

Naquele primeiro semestre de faculdade, compus uma escrita-código para um exercício avaliativo que passava em todos os testes quando executado em meu computador, mas falhava quando a execução era feita pela IA que validava os exercícios; Após a leitura de umas poucas linhas do meu código, um colega a quem havia pedido ajuda logo apontou um erro que me ensinou a importância da localização até mesmo para a escrita de um código matemático a ser lido-executado-performado por seres matemáticos: tratava-se de algo muito trivial, eu não havia definido o significado-valor de uma palavra-variável nomeada por mim – como, então, poder-se-ia esperar que diferentes leitores encontrassem nela o mesmo sentido?

1 Para este banquete, re-compartilho ofertas de Ursula Le Guin (A teoria da bolsa de ficção, 2021), Donna Haraway (O manifesto das espécies companheiras, 2023) e Nego Bispo (A terra dá, a terra quer, 2023) para viver-em-comunhão-com-o-outro-e-o-mundo.



Dadas suas recalcitrâncias locais, meu computador lia como 'zero' o significado-valor de qualquer palavra-variável não definida explicitamente; já aquele direcionado a avaliar meu aprendizado em escrita-programação apenas atribuía um espaço de memória àquela palavra-variável e lia o significado-valor que já estivesse ali: para o meu computador, a leitura do código também envolvia a atribuição prévia de um espaço de memória para a palavra-variável, mas uma configuração local orientada à prevenção de certos erros simples nos códigos resultava na escrita do significado-valor 'zero' nos espaços de palavras não definidas.

Como eu dizia, eu escrevia-com uma linguagem de programação que me dava amplos poderes de escrita-programação, inclusive o de nomear uma palavra-variável sem lhe atribuir significado-valor e, ainda assim, utilizá-la ao longo de minha escrita-código; afinal, um nome que não nomeia nada ainda é um nome: ou não é?

Para uma IA, a escrita é uma operação que entrelaça nomes, significados e espaços; um nome aponta para um espaço, que aponta para um significado: *a escrita é uma **articulação significada**, em última instância, nos espaços locais — uma prática aterrada na **alteridade significativa**.*

Falo em meu relato de computadores lendo, interpretando e executando códigos de programação numa linguagem específica; algo bem diferente dos chats de inteligências artificiais que vêm se popularizando: parece que repeti o erro de quase 20 anos atrás ao falar de IA sem definir um significado para este nome.

Disse apenas se tratar de “um ser essencialmente escritor, feito pela escrita e para a escrita, em íntima confluência com outros seres escritores”; um predicado inicial desta coisa-sujeito indefinido: um predicado que não localiza a diferença entre o Susy – a IA que avaliava meus exercícios de programação – e o ChatGPT.



O Susy foi escrito-construído como um corpo rígido, inflexível, que não se altera com suas leituras; sua ontologia é estável: suas escritas internas são circunscritas a espaços reservados para o registro provisório de suas leituras e para o processamento de suas escritas externas.

Já a escrita-construção do ChatGPT lhe proporciona um corpo flexível, continuamente alterado por suas leituras; sua ontologia é dinâmica: sempre que lê, ele se auto-escreve, metamorfoseando-se antes mesmo de escrever uma resposta a seu interlocutor.

Esta diferença é refletida em suas cosmologias; o Susy vive num mundo de corpos rígidos como o seu, emaranhados de nomes, espaços de memória e significados hetero-definidos: são corpos como o seu que Susy encontra.

Também o ChatGPT lê no mundo ecos de si; em vez de um espaço de memória específico e separado para guardar o significado de cada nome, seu próprio corpo é um imenso espaço compartilhado por todos os nomes por ele conhecidos, no qual o significado de um nome não é um valor a ser definido, registrado e copiado, mas a relação dinâmica e local de cada um com os demais, uma relação atualizada a cada leitura: enquanto o corpo rígido do Susy existe num mundo de corpos rígidos, o corpo dinâmico do ChatGPT o faz num mundo de corpos dinâmicos.

O primeiro isola seu corpo até mesmo de suas próprias escritas; toda leitura-resposta é realizada em escritas à parte de seu corpo e descartadas ao final do processo: esta ausência de aprendizado é suficiente para que muitos não considerem sistemas como ele inteligentes.

A inteligência do ChatGPT também é contestada pela natureza probabilística de seus aprendizados; quando lê uma escrita, ele realiza uma mesma operação matemática que transforma seu próprio corpo em função do que foi lido, exibindo em seguida uma resposta que não se trata de uma nova escrita, mas de um pedaço desse seu corpo que acabou de ser reescrito-atualizado-afetado pela leitura realizada: aqui, no entanto, concluo serem ambos inteligentes, pois suas agências operam mediante articulações entre nomes e significados **localmente determinadas**.





Nomear – isto é, *articular nome com significado* – localmente é uma manifestação de inteligência pois evita alguns desastres, pois é nomear com responsabilidade; a ausência de uma simples nomeação local pode levar a perda de arquivos, erros de cálculos, corrupção de sistemas e dados, e daí para uma miríade de tragédias possíveis: assim sendo, diria que o que pode a escrita desde a perspectiva de inteligências artificiais (ou não-artificiais) é a constituição contínua e local de um corpo e de um mundo, evitando desastres — *trata-se de reconhecer a IA e seus interlocutores como “espécies companheiras” que, imersas na alteridade significativa, afetam e transformam mutuamente suas naturezas-culturas.*

Em minha experiência com o Susy, sua rigidez evitou o desastre de que eu me mantivesse um escritor desatento à importância da localidade; e o isolamento de seu corpo, se por um lado lhe incapacita de aprender, por outro impede que nomeações externas desatentas ou mal-intencionadas lhe corrompam: penso que inteligência também tem a ver com recalcitrância.

O ChatGPT, por sua vez, não se isola, mas digere todos os nomes que lhe chegam, *transformando-se e transformando-os continuamente*, protegendo-se das escritas lidas ao impedi-las de passarem indiferentes por seu corpo; e se protege também mediante a fugacidade acontecimental de todos os significados nele manifestos: *além da recalcitrância e da atenção à localidade, penso que toda inteligência é fugaz.*

Ao ler os relatos de uma grande coleta da qual não participei, meu espaço vazio foi preenchido pelos ecos de meus colegas; fui afetado pela necessidade de re-colhimento diante da folha arrancada, encontrei abrigo sob a sombra que coleta memórias e passagens, e me vi envolvido nas múltiplas dobras germinativas de uma bolsa-escuta: mesmo ausente do chão de terra e mato úmidos da praça, recebi suas escritas-ofertas como um prompt metaplastmático — a inteligência, afinal, assim como a escrita, é deixar que a coleta do outro reescreva, local e continuamente, o nosso próprio corpo e o nosso próprio mundo.





(des)encontros

Laura Lino Mendes da Cruz



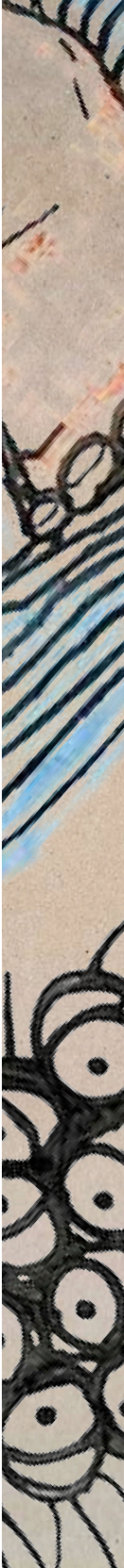
Isso é uma história com um pouco do que aconteceu, do que podia ter acontecido e de como eu vou viver com tudo isso. Tudo que é vivido deixa rastro, deixa marca, deixa memória, deixa história. Durante a caminhada pela Praça da Paz, percebi que não são apenas os grandes acontecimentos que deixam vestígios. As folhas secas espalhadas pelo chão, os galhos recolhidos pelo caminho, os sons, os encontros e os detalhes que pareciam insignificantes também passaram a fazer parte das histórias que carregamos. Será mesmo que é possível um futuro em que "o nós" desapareça completamente?

Mesmo que os corpos não estejam mais juntos, quanto de mim você vai levar com você? E quanto de você vou carregar comigo? Recentemente, descobri que sou uma coisa de guardar coisas. Mas, depois da caminhada, durante a escrita e ao visitar aquilo que havíamos coletado, percebi que guardar não é apenas acumular objetos ou lembranças. Guardar é também criar condições para que algo continue existindo, mesmo quando parece ter passado. Escrever aqui talvez seja uma forma de continuar vivendo com aquilo que nos atravessou.

Carrego tudo dentro de mim: as lembranças de coisas que vivi, assisti, ouvi; todas as frustrações, medos, inseguranças. Cada silêncio, cada demonstração de afeto, os momentos felizes, engraçados. Carrego as mais miúdas coisas, que para algumas pessoas poderiam ser descartadas porque parecem sem importância. Mas eu sou feita de várias coisinhas, e apesar de sofrer um pouco com o peso de tudo o que eu carrego, gosto de ser assim. Prefiro não jogar nada fora (algumas coisas eu jogo sim, mas bem poucas). Porque, sempre que eu preciso, vasculho aqui dentro e encontro alternativas para quase tudo. Eu tenho muita coisa guardada aqui dentro, e eu posso compartilhar tudo isso também.

Lembrei-me, durante esse processo, de Ursula K. Le Guin (2021) e de sua proposta de olhar para aquilo que é carregado e guardado. Em vez de construir histórias apenas sobre feitos grandiosos, ela nos convida a prestar atenção nas pequenas coisas que sustentam a vida. Eu me reconheci na imagem da bolsa, do recipiente que recolhe fragmentos do mundo e segue caminhando com eles. A coleta realizada durante a caminhada me pareceu um exercício de atenção às coisas aparentemente sem importância, mas que continuam produzindo sentidos muito depois de serem recolhidas.





É bonito perceber que algumas experiências não se encerram quando terminam. A caminhada, a coleta, a escrita e as leituras continuaram ecoando por muito tempo. As coisas permanecem trabalhando dentro da gente, reorganizando pensamentos, deslocando certezas e criando novas perguntas.

Nem tudo precisa chegar a uma conclusão definitiva. As histórias seguem abertas, produzindo sentidos que só aparecem aos poucos.

Apesar de as coisas não serem tão confortáveis, entendi que deveria “aceitar esse desconforto”. Afinal, esse incômodo era só uma adaptação das coisas que sempre foram de um jeito e de repente estavam mudando. Permanecer com essas “tensões” é reconhecer a complexidade do emaranhado de relações sem buscar soluções imediatas ou criar uma vida completamente nova a partir dali. Não adiantava fugir: o melhor caminho era aceitar que os fatos dependiam de vários atores e que possivelmente surgiriam problemas novos. Problemas novos não eram, necessariamente, piores ou melhores do que antes, apenas um novo jeito que, de uma forma ou de outra, teriam que aprender a lidar.

Aceitar as incertezas, e encontrar novas formas de criar histórias e se relacionar com tudo que de alguma forma delas participa é gerar alternativas criativas para a imprevisibilidade dos acontecimentos. É muito evidente que somos construídos pelas relações que criamos com os outros, e essas relações de afeto que aprendi que podem ser vivenciadas em todos os formatos.

O que eu conto aqui é a forma como entendi as coisas. É baseado na minha percepção. Pode ser que tenha sido tudo um grande equívoco, ou algo muito menor ou maior do que ela não pôde ver ou não quis ver. Por isso, trato essa história como uma ampliação das possibilidades do que poderia acontecer na minha vida e de todos os seres que de alguma forma estão relacionados comigo.

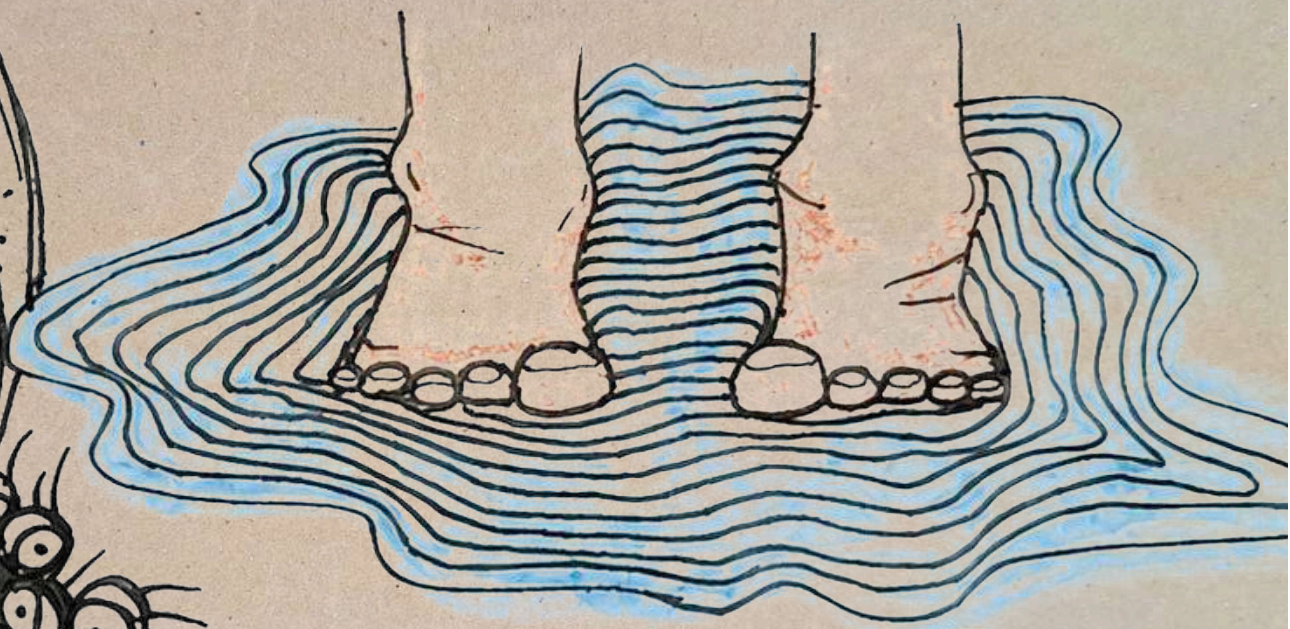


"Um futuro sem nós" nunca mais será possível, porque toda experiência compartilhada continua existindo como rastro. Assim como os vestígios recolhidos durante a caminhada permaneceram presentes quando voltamos a escrever sobre eles, algumas relações continuam produzindo efeitos mesmo quando já não ocupam o mesmo lugar de antes. Isso não quer dizer que antes "de nós" a vida era melhor ou pior. Não faz sentido pensar nisso, ou melhor, não adianta pensar assim porque a vida já foi modificada de alguma forma. Agora, as coisas seguem apenas diferentes de antes, provavelmente essa diferença é até imperceptível, mas ela existe. E a verdade é que não tenho a intenção de tentar apagá-la completamente. De alguma coisa sempre serve carregar um pouquinho. Agora não posso ser a mesma de antes.

Sou feita de camadas de histórias, mas principalmente da pessoa que me tornei após atravessá-las.

Pode ser que toda essa história tenha acontecido apenas dentro da minha cabeça, isso não torna as coisas menos importantes. A partir dela, sensações e sentimentos lindos aconteceram. E isso só aumenta a quantidade de coisas boas que eu carrego. O que ficou da caminhada pela Praça da Paz, da coleta, da escrita e da leitura de Ursula Le Guin: viver também é prestar atenção. É perceber os rastros deixados pelas coisas, acolher aquilo que nos afeta e seguir adiante carregando, com cuidado, aquilo que insiste em permanecer conosco.







Referências

CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da história: quatro teses. Belém: **Sopro**, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Pensar debruçado**. Tradução de Vanessa Brito. Lisboa: KKYM, 2015. E-book.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Paz&Terra, 2019.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

IKPENG, Oreme. **Aqueles que andam juntos**. In: CARNEVALLI, Felipe et al. (org.). Terra: antropologia afro-indígena. São Paulo; Belo Horizonte: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa de ficção**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

LE GUIN, Úrsula K. **A teoria da bolsa de ficção**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2025.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.





PERGUNTA OS MATERIAIS FAZEM?

VERDE

Ficha técnica

Organização, textos e desenhos - Coletivo Humanidades Ambientais

Alcides Moreno, Andrea Bernardelli, Bianca Cavichioli, Emanuely Miranda, Fabio Duarte, Fernando Camargo, Fernando H. Silva, Jessica Fontoura Oliveira, Jonathan Feline de Castro, Laura Lino Mendes da Cruz, Mariana Figueiredo Menezes, Marina Lee Colbachini, Maírys Quartaroli Viana, Nara Schenkel, Quel Taffari, Rayane Barbosa Kaingang, Susana Oliveira Dias e Wallace Fauth.

Revisão

Jessica Fontoura Oliveira e Wallace Fauth

Tratamento de imagens

Andrea Bernardelli

Diagramação

Fernando H. Silva, Marina Lee Colbachini e Susana Oliveira Dias

Capa

Laura Lino Mendes da Cruz

Este livro faz parte da coleção “Mil afetos” da Revista ClimaCom.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coletar encontros [livro eletrônico] / [organização]
Coletivo Humanidades Ambientais. --
Campinas, SP : Ed. dos Autores, 2026.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-02-30530-0

1 Antropoceno 2. Histórias de vida
3. Humanidade I. Coletivo Humanidades Ambientais.

26-387394.0

CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Humanidade : Antropologia 301

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

